

O DESAPARECIMENTO DE MADELEINE MCCANN - AFINAL A “VIDA” DE MADELEINE MCCANN É UMA PIADA?: QUEM SE IMPORTA? UMA ANÁLISE NEUROPSICOLÓGICA - PARTE 1

2020

Aline Monteiro Gonçalves Barreto

Graduanda em Primeiro Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde – Universidade da Beira Interior (Portugal)
aline.barreto@ubi.pt

Luis Alberto Coelho Rebelo Maia

Phd, Docente de Neuropsicologia na Universidade da Beira Interior (Portugal)
Imaia@ubi.pt

RESUMO

O desaparecimento de Madeleine McCann foi um acontecimento memorável na história da justiça portuguesa, uma vez que foi um dos desaparecimentos com mais impacto mediático no país e no mundo. Madeleine McCann (também conhecida por Maddie) encontrava-se em férias com a sua família em Portugal e desapareceu no dia três de maio de 2007 na Praia da Luz, Algarve. Na altura a criança tinha apenas três anos de idade, e estava acompanhada dos seus pais Kate e Gerry McCann, e dos seus irmãos gémeos Sean e Amelie que tinham apenas dois anos de idade quando a sua irmã mais velha desapareceu no quarto do Ocean Club, um dos vários edifícios da Praia da Luz. Os seus pais, haviam saído para jantar num restaurante próximo do apartamento onde estavam hospedados, que ficava a cerca de 50 metros de distância do local (90 metros caminhando pela rua), deixando assim Maddie e os seus dois irmãos a dormir no quarto onde estavam hospedados. Este restaurante escolhido pela família McCann e pelos seus amigos aparentava ser o sítio mais conveniente para jantar, uma vez que enquanto as crianças dormiam nos seus quartos eles poderiam vigiar tudo o que acontecia nas redondezas. Deste modo, foi acordado entre os McCann e os seus amigos que a cada meia hora um dos elementos da mesa iria levantar-se para verificar o estado das crianças nos seus respetivos quartos. Por volta das 22 horas, Kate decide fazer o seu turno e verificar novamente o estado das crianças, contudo esta ficou surpreendida quando, ao olhar para o quarto, se deparou com uma luz mais forte do o habitual e a porta mais aberta do que estava

anteriormente. A mesma entrou no quarto e apercebeu-se que Maddie já não se encontrava deitada na sua cama, e que a janela estava aberta com os estores levantados. “Desatei a correr até ao restaurante de tapas, a gritar: “Levaram a Madeleine!”. Foi aí que o pesadelo começou”. (Kate McCann, 2007) Após esse anúncio por parte de Kate, todas as pessoas das redondezas ajudaram nas buscas iniciais, enquanto Gerry pediu na receção para ligarem para a polícia portuguesa. Quando um crime é cometido, os primeiros agentes a chegar são responsáveis pelo isolamento do local e por o manter tal como o encontraram. Isto significa que têm de se certificar que ninguém toca em nada ou move alguma coisa do seu lugar, porque se o fizerem estão a comprometer os vestígios ou a contaminar o local (Cenas de Crime, 2008). Esta é uma história que continuaremos a contar cientificamente, pois tal não pode acabar aqui! Por exemplo, na semana de submissão deste artigo os media e representantes da Alemanha e Inglaterra garantiram que Maddie estava morta, mais ainda, apresentaram ao mundo inteiro o mais que certo suspeito pela morte de não só de Maddie, mas como outras vítimas, responsável e suspeito de outros crimes, com largo registo prisional. Hoje, responsáveis britânicos referem que Maddie está viva. Comprometemo-nos, na segunda parte deste artigo, a apresentar uma análise neuropsicológica, jurídica e penal dos dados a que conseguimos aceder, não pelos media, mas sim por aquilo que caracteriza neuropsicologicamente quem fez o que a Maddie (raptou-a, criou-a como seu elemento de família ou matou-a). Isto fica para a segunda parte deste artigo. E que a paz esteja com Maddie.

Palavras-chave: Madeline McCann, neuropsicologia, suspeitos múltiplos, anos para resolver um caso.

ABSTRACT

The disappearance of Madeleine McCann was a memorable event in the history of Portuguese justice, as it was one of the disappearances with the most media impact in the country and in the world. Madeleine McCann (also known as Maddie) was on vacation with her family in Portugal and disappeared on May 3, 2007 in Praia da Luz, Algarve. At the time the child was just three years old, and was accompanied by his parents Kate and Gerry McCann, and his twin brothers Sean and Amelie who were just two years old when their older sister disappeared in the Ocean Club room, one of the several buildings of Praia da Luz. Her parents had gone out to dinner at a restaurant near the apartment where they were staying, which was about 50 meters away from the place (90 meters walking down the street), thus leaving Maddie and her two brothers to sleep in the room where they were staying, hosted. This restaurant chosen by the McCann family and their friends appeared to be the most convenient place to dine, since while the children slept in their rooms they could watch everything that happened in the surroundings. In this way, it was agreed between the

McCanns and their friends that every half hour one of the elements of the table would get up to check the condition of the children in their respective rooms. At around 10 pm, Kate decides to take her shift and check the children's condition again, but she was surprised when, looking at the room, she saw a brighter light than usual and the door was more open than it was previously. She entered the room and realized that Maddie was no longer lying on her bed, and that the window was open with the blinds up. "I started running to the tapas restaurant, shouting," They took Madeleine! " That's when the nightmare started ". (Kate McCann, 2007) After this announcement by Kate, everyone in the neighborhood helped with the initial searches, while Gerry asked at the reception to call the Portuguese police. When a crime is committed, the first agents to arrive are responsible for isolating the site and maintaining it as they found it. This means that they have to make sure that nobody touches anything or moves anything from their place, because if they do, they are compromising the traces or contaminating the place (Cenas de Crime, 2008). This is a story that we will continue to tell, scientifically, as it cannot end here! For example, in the week of submission of this article, the media and representatives of Germany and England assured that Maddie was dead, moreover, they presented the whole world with the most certain suspect for the death of not only Maddie, but as other victims, responsible and suspect of other crimes, with wide prison record. Today, British officials say Maddie is alive. We commit ourselves, in the second part of this article, to present a neuropsychological, legal and penal analysis of the data that we are able to access, not by the media, but by what characterizes neuropsychologically who did what to Maddie (kidnapped her, raised her as a family member or killed her). This is for the second part of this article. And peace be with Maddie.

Keywords: Madeline McCann, neuropsychology, multiple suspects, years to solve a case.

Copyright © 2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



INTRODUÇÃO DO CASO

O desaparecimento de Madeleine McCann foi um acontecimento memorável na história da justiça portuguesa, uma vez que foi um dos desaparecimentos com mais impacto mediático no país, sendo também mais um dos casos onde não foi encontrada uma solução, pelos vistos, até agora, 2020, 13 anos depois.

Madeleine McCann (também conhecida por Maddie) encontrava-se de férias com a sua família em Portugal e desapareceu no dia três de maio de 2007 na Praia da Luz, Algarve. Na altura a criança tinha apenas três anos de idade, e estava acompanhada dos seus pais Kate e Gerry McCann, e dos seus irmãos gémeos Sean e Amelie que tinham apenas dois anos de idade quando a sua irmã mais velha desapareceu no quarto do Ocean Club, um dos vários edifícios da Praia da Luz.

Os seus pais, a anestesista Kate e o médico cardiovascular Gerry McCann haviam saído para jantar num restaurante próximo do apartamento onde estavam hospedados (“Tapas Bar”), que ficava a cerca de 50 metros de distância do local (90 metros caminhando pela rua), deixando assim Maddie e os seus dois irmãos a dormir no quarto onde estavam hospedados.

Este restaurante escolhido pela família McCann e pelos seus amigos aparentava ser o sítio mais conveniente para jantar, uma vez que enquanto as crianças dormiam nos seus quartos eles poderiam vigiar tudo o que acontecia nas redondezas. Deste modo, foi acordado entre os McCann e os seus amigos que a cada meia hora um dos elementos da mesa iria levantar-se para verificar o estado das crianças nos seus respetivos quartos.

Por volta das 21h25 um dos amigos do casal se ofereceu para ir verificar se estava tudo bem com as crianças, no entanto o mesmo admite que não entrou completamente no quarto, apenas espreitou do lado de fora e afirma ter visto uma luz e um barulho de uma criança se mexendo na cama, contudo não ouviu outro som para além desse.

Por volta das 22 horas, Kate decide fazer o seu turno e verificar novamente o estado das crianças, contudo esta ficou surpreendida quando, ao olhar para o quarto, se deparou com uma luz mais forte do o habitual e a porta mais aberta do que estava anteriormente. A mesma entrou no quarto e apercebeu-se que Maddie já não se encontrava deitada na sua cama, e que a janela estava aberta com os estores levantados.

“Desatei a correr até ao restaurante de tapas, a gritar: “Levaram a Madeleine!”. Foi aí que o pesadelo começou”. (Kate McCann, 2007)

Após esse anúncio por parte de Kate, todas as pessoas das redondezas ajudaram nas buscas iniciais, enquanto Gerry pediu na receção para ligarem para a polícia portuguesa.

Com a chegada da Polícia Judiciária ao local, os mesmos ficaram extremamente surpreendidos com a falta de preservação do local da cena do crime. A justificação dada para este cenário foi o facto de terem entrado e saído diversas pessoas do quarto do apartamento 5A, interferindo deste modo com as provas de um possível crime, levando assim a que o inspetor da Polícia Judiciária de Portimão, Gonçalo Amaral, ao se deparar com tal cenário considerasse imediatamente que poderia se tratar de um furto.

Quando um crime é cometido, os primeiros agentes a chegar ao local são responsáveis pelo isolamento do local e por o manter tal como o encontraram. Isto significa que têm de se certificar que ninguém toca em nada ou move alguma coisa do seu lugar, porque se o fizerem estão a comprometer os vestígios ou a contaminar o local (Cenas de Crime, 2008).

PRIMEIRA TESTEMUNHA E EXISTÊNCIA DE FALSAS MEMÓRIAS

Após o desaparecimento da Madeleine McCann, um dos membros do grupo de amigos dos pais da criança, Janne Tanner, afirmou ter visto algo que poderia ser uma pista extremamente importante para a resolução deste caso. Por volta das 21h15, quando esta estava indo verificar os seus filhos, afirmou ter visto a atravessar a estrada, próximo do apartamento dos McCann, um homem, carregando nos braços uma criança de pijama. Há que salientar que a amiga dos pais de Maddie afirma ter avistado um homem suspeito por volta das 21h15, cerca de uma hora antes de Kate dar conta do desaparecimento da sua filha. Deste modo, Janne considerou que provavelmente tivesse testemunhado o rapto de Madeleine.

Perante tal convicção, a amiga dos McCann foi considerada uma das primeiras testemunhas do rapto da Maddie, sendo pedido assim a elaboração de um retrato falado do suspeito, levando a que esta recorresse à sua memória do momento do possível crime.

Apareceu deste modo uma evidência suspeita... Conforme o tempo passava, Jane acrescentava cada vez mais pormenores ao seu relato, desde a forma como o raptor pegava na criança e até o modo como esta estava vestida. O que inicialmente o esboço do sujeito não era nada conclusivo (apenas parecido com uma espécie de um ovo) num espaço de alguns meses acabou por se transformar num desenho mais pormenorizado com características específicas.

Isto leva-nos a interrogar a veracidade dos relatos feitos por Jane, uma vez que seria quase impossível uma pessoa reconhecer tais detalhes minuciosos de um eventual suspeito num cenário de pouca luminosidade (visto que eram 21h25), e num momento casual onde essa ação de transportar uma criança no colo não possuía motivos suficientes para levantar qualquer suspeita, uma vez que o desaparecimento de Maddie ainda não havia sido declarado.

Para constatar esse facto podemos realizar um exercício simples, que comprove a nossa afirmação. Imagine, caro leitor, que terá de realizar um retrato falado da última pessoa desconhecida com quem se cruzou na rua ou no trabalho. Consegue recordar-se de pormenores específicos da sua face? Cor da roupa, aspeto da barba, formato da boca, a forma como caminhava ou como transportava um determinado objeto... Provavelmente seria quase impossível recordar-se de tais pormenores, principalmente se já se tiverem passados alguns meses desde o encontro com tal indivíduo.

Toda a reconstrução de fatos testemunhados depende de processos mnemónicos, que não garantem réplicas da realidade e, muitas vezes, carecem de fidedignidade. Ainda mais problemático, esses processos podem dar origem a falsas memórias (Stein, 2010; *cit in* Saraiva, Inglesias, Micas, Araújo, Lima & Costa, 2015).

Deste modo, é preciso estar em alerta pois ao longo dos anos muitos erros são cometidos por conta de relatos de testemunhas, levando assim à prisão injusta de inocentes.

Poderíamos colocar a hipótese que a senhora Janne, possível testemunha do rapto de Madeleine poderia estar a passar por um Transtorno de Stress Pós-Traumático, uma vez que, segundo o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais, quinta edição (DSM-5, American Psychiatric Association, 2013), um dos critérios de avaliação seria “testemunhar, presencialmente, acontecimento(s) que ocorreu(ram) a outras pessoas”.

A resposta biológica a eventos que potencializam algum stress ao indivíduo envolve a ativação dos sistemas endócrino e imunológico, juntamente com circuitos neurais específicos.

Deste modo, durante um momento de potencial perigo, o organismo sofre diversas alterações, tais como: o aumento do batimento cardíaco, aceleração da frequência da respiração, dilatação dos pulmões, aumento da oxigenação no cérebro, entre outros. Todas essas reações são coordenadas pela libertação da hormona adrenalina, como forma de auxílio para preparar o organismo para lutar contra o adversário ou fugir (o famoso mecanismo de *fight or to flight*). Esta substância é produzida pelas glândulas suprarrenais, que são duas glândulas endócrinas de forma piramidal que estão localizadas acima dos rins.

Elas são divididas em duas partes principais: uma porção mais externa/periférica chamada de córtex suprarrenal e uma porção mais central denominada de medula suprarrenal.

Os neurónios produzidos pelo córtex suprarrenal são esteroides, também denominados de corticoesteroides. Os principais corticoesteroides produzidos são os mineralocorticoides, glicocorticoides e os esteroides sexuais.

De forma geral, os mineralocorticoides estimulam os nossos rins a reter sódio e água no organismo e a eliminar potássio pela urina. Essas funções ajudam a controlar a pressão arterial do nosso organismo.

O principal glicocorticoide produzido pelo córtex suprarrenal é o cortisol. A secreção desse acontece quando o córtex suprarrenal é estimulado por uma outra hormona produzida pela adenohipófise, hormona essa denominada de ACTH.

O cortisol é a chave para coordenar os processos que nos permitem lutar ou fugir de um potencial perigo que nos surja.

A medula suprarrenal produz as hormonas catecolaminas que são a adrenalina e a noradrenalina.

Os efeitos dessas hormonas são semelhantes aos efeitos do sistema nervoso simpático, ou seja, prepara o organismo para reagir a situações de medo e “luta ou fuga”.

A medula suprarrenal é enervada por neurónios simpáticos, e as ações da adrenalina e da noradrenalina incluem: o aumento da glicemia no sangue, o aumento da frequência cardíaca, a vasodilatação das coronárias e o aumento da frequência respiratória.

Deste modo, podemos concluir que essas hormonas (a adrenalina, a noradrenalina e o cortisol) estão relacionadas e são produzidas pelo nosso organismo em situações de stress, e deste modo, as glândulas suprarrenais desempenham um papel fundamental no nosso estado de alerta.

O hipotálamo, situado na base do cérebro é capaz de controlar por meio da liberação dos seus produtos de secreção, a atividade da hipófise. A hipófise se distingue por diferentes tipos celulares, cada um capaz de secretar diferentes substâncias que atuam, uma vez liberadas na corrente sanguínea, diretamente sobre a glândula periférica em questão. (Actualización en Neuropsicología Clínica, 2002)

Portanto, enquanto que numa situação de stress há um aumento de concentração de adrenalina na corrente sanguínea, posteriormente os corticoides reparam os gastos metabólicos que são gerados pela liberação da adrenalina.

Neste caso específico, Janne ao ser surpreendida por possível rapto de uma criança, os impulsos nervosos resultantes da visão do raptor são levados ao cérebro resultando uma forma de emoção a que podemos denominar de “medo”. Do hipotálamo, esses impulsos descem pelo tronco encefálico e medula.

Há deste modo uma transformação de glicogénio em glicose, que é lançada no sangue, aumentando as possibilidades de consumo de energia pelo organismo. Há, também, um aumento no suprimento sanguíneo nos músculos estriados esqueléticos, necessários para levar a estes

músculos mais glicose e oxigénio, bem como para mais fácil remoção de CO₂. (Neuroanatomia Funcional, 2000).

A partir de estudos de neuroimagem pode-se observar alterações no volume do hipocampo, na amígdala, no giro cingulado anterior, no córtex pré-frontal (Wignall et al., 2004) e alterações no hipocampo (Horner, & Hammer, 2002; Wignall et al., 2004). Essas regiões são responsáveis pela aprendizagem, memória, atenção, controle executivo e regulação emocional (*cit. in* Emygdio, Mozzambani & Rodrigues, 2019).

Os estudos do neurocientista Joaquín Fuster supuseram que a memória surgia de uma grande rede (o cérebro). Deste modo, as memórias seriam uma rede de neurónios interligados formados por ligações sinápticas e que estão distribuídos pelo córtex cerebral (que é a base para funções cognitivas tais como: atenção, memória, linguagem, inteligência e perceção).

Joaquín também propôs a existência de um modelo hierárquico, que organiza os diferentes tipos de memória e dois grupos: memória perceptiva (área responsável por guardar informação sensorial) e memória executiva (áreas motoras responsáveis pelo “fazer”).

Santiago Ramón y Cajal (1852-1934) comprovou a hipótese da plasticidade nos mecanismos de aprendizagem. O mesmo demonstrou que as modificações que ocorriam nas sinapses eram a base das aprendizagens e da memória.

Cajal aperfeiçoou o método de Camillio Golgi (1843-1926) que permitia a visualização do tecido nervoso, tingindo-o com nitrato de prata. Erroneamente, Golgi acreditava que os neurónios não eram separados como hoje é conhecido pelas sinapses, mas sim que estavam interconectados de forma contínua. Cajal não concordou com tais afirmações de Golgi, afirmando assim que as células eram sim contínuas, no entanto não estavam ligadas por um tecido, mas sim através de mediadores químicos, as sinapses.

Deste modo, Cajal demonstrou que as modificações que ocorriam nas sinapses eram a base das aprendizagens e da memória.

A memória é um mecanismo biológico e psicológico que vai permitir a codificação, o armazenamento e a recuperação da informação para uso imediato ou para utilização posterior, passando assim para a memória de longo prazo.

Por norma consideramos que a nossa memória registra, armazena e posteriormente recupera a informação proveniente do exterior de modo 100% fidedigna, contudo, tal facto não acontece.

Em contextos judiciais poderá ser solicitado um relato às testemunhas, que terão de recorrer à sua memória para descrever o que presenciou (tal como aconteceu com Janne, a amiga dos McCann).

Desajustes podem ocorrer, como no caso da codificação e da reconstrução posterior. No caso da codificação pode ocorrer alguns défices, tais como: curta duração da observação do possível crime, falta de atenção no momento do ato suspeito, escassa iluminação do local (que no caso da Maddie se pode comprovar, visto que a testemunha avistou o possível raptor às 21h15, numa rua com pouca iluminação).

Já no caso da reconstrução, depois do acontecimento traumático podem ocorrer interferências que levem à ocorrência de uma falsa memória.

Estudos demonstram que um grupo de testemunhas no relato de um crime poderá ser mais prejudicial para contextos judiciais do que a análise de apenas uma testemunha. E porquê tal facto ocorre? Um indivíduo perante um cenário de crime não consegue recordar-se de todos os acontecimentos de forma pormenorizada, levando assim à existência de algumas lacunas temporais e espaciais daquilo que presenciou. Esse sujeito ao contactar com um outro grupo de indivíduos que testemunharam o mesmo evento poderá preencher essas lacunas com informações provenientes de outras testemunhas, incorporando assim novas informações em seus relatos iniciais, registrando também uma nova versão do ocorrido.

PAIS COMO PRIMEIROS SUSPEITOS

Ao analisar todo o procedimento que a Polícia portuguesa adotou nesta investigação vêm-nos à mente a seguinte questão: porquê a Polícia Judiciária assumiu logo o desaparecimento da Madeleine McCann como sendo um rapto e não investigaram de imediato os pais como autores de um possível crime? Numa situação onde ainda não existem provas concretas e onde poderá estar em causa um possível crime os primeiros suspeitos deverão ser os familiares mais próximos da vítima, contudo neste caso podemos verificar que tal não ocorreu. Somente após inúmeros dias do desaparecimento de Madeleine McCann é que os pais foram constituídos arguidos, levando assim a que a Polícia portuguesa finalmente suspeitasse que os pais poderiam estar envolvidos no desaparecimento de Maddie.

Quando a Polícia Judiciária chegou ao local, o cenário que encontraram não coincidia com o relato feito pelos pais da Madeleine. A mãe da mesma afirmou que no momento em que deu conta do seu desaparecimento da sua filha, que se deparou com a janela aberta do quarto, no entanto os investigadores ao chegarem ao local encontraram os estores fechados. Perante tal facto suspeito, os pais da Maddie afirmam que tentaram verificar se seria possível levantar os estores do lado de fora, simulando assim a ocorrência de um rapto, no entanto apenas foi encontrada uma impressão digital na parte de dentro da janela, que corresponde a um palmar de uma mão direita, realizando

uma abertura da janela. Logo após essa evidência, Gonçalo Amaral, coordenador da Polícia Judiciária de Portimão, suspeitou que aquilo poderia ser uma clara encenação de crime.

CÃES FAREJADORES - ANÁLISE ANATÓMICA DAS SUAS CAPACIDADES OLFATIVAS

Foram convocados ao local cães farejadores, especialistas em detectar sangue ou resíduos de decomposição humana.

A decomposição humana é muito persistente e intensa, e pode ser detetada em túmulos com mais de 40 anos.

Esses cães especialistas em análise forense são arduamente treinados para conseguirem identificar odores correspondentes a sangue ou decomposição de um cadáver.

Num dos treinamentos realizados com esses cães, são colocados no chão diversos tapetes, sendo que em três deles foram depositados uma pequena gota de sangue, e os mesmos foram lavados intensamente pelo menos três vezes pelos seus treinadores. No fim de tal processo, esses tapetes juntamente com outros limpos são apresentados aos cães, e os mesmos terão de manifestar algum sinal perante o tapete que possui a gota de sangue que foi colocada pelos seus treinadores.

Deste modo, esses cães altamente especialistas foram enviados até ao apartamento 5A onde ocorreu o desaparecimento da Madeleine, e os animais, capazes de cheirar o odor a morte, sinalizaram a presença de um cadáver em três locais: no quarto onde a criança dormiu até 3 de maio, dentro do apartamento do Ocean Club (...), no jardim no aldeamento e no interior da mala do carro que foi utilizado pelo casal McCann alguns dias depois do desaparecimento da criança (Correio da Manhã, 2017).

Num total de dez veículos, os cães pisteiros apenas sinalizaram odor a cadáver e odor a sangue no carro de Kate e Gerry McCann, alugado 24 dias depois do desaparecimento de Madeleine McCann, a 3 de maio de 2007, na Praia da Luz, Algarve (Diário de Notícias, 2008).

Nos mamíferos terrestres existem dois sentidos que capacitam os mesmos de obter informações de estímulos químicos do ambiente, sendo estes sentidos o paladar e o olfato.

É sabido pela comunidade científica que tentar identificar um elemento químico pelo paladar nunca é o mais recomendando, uma vez que este entra em contacto direto com a fonte e exige uma maior concentração de moléculas. Já no caso do olfato este pode entrar em contacto com fontes olfativas que se encontram distantes, e as suas moléculas de odor poderão ser reconhecidas pelo indivíduo, ou neste caso pelos cães, em baixas concentrações.

Em espécies com um bom sentido do olfato como o cão, a superfície do epitélio olfativo é aumentada por um labirinto de dobras etmoidais recobertas com epitélio sensorial (Sajaastad 2010). A parte olfativa da mucosa nasal contém um rico suprimento de nervos olfativos que se conectam com bulbos olfativos (Correa 2011; *cit. in* Micheletti, Paula, Sá & Melo, 2016).

Após o cão farejador entrar em contacto com o estímulo químico do ambiente, os recetores olfativos do animal enviam os impulsos para o hipotálamo, que está também associado a comportamentos sexuais e sociais, e que possui diversas funções, tais como: regulação da temperatura corporal, sede, apetite, equilíbrio, entre outros.

Os recetores olfativos dos cães também possuem uma elevada importância para a identificação de feromonas, sendo estas essenciais para a reprodução e também para o reconhecimento de pessoas e de outros animais.

As moléculas odoríferas dissolvem-se nas camadas de muco formado pelo epitélio olfativo. Elas interagem com recetores olfativos específicos desencadeando uma reação em cascata, por meio da abertura dos canais de sódio, que gera um potencial de ação. Os potenciais de ação viajam para o cérebro através dos neurónios do nervo olfativo para várias estruturas sub-corticais e corticais onde serão codificados e geram a percepção do odor (Correa 2011; *cit. in* Micheletti et al., 2016).

Existe uma grande dúvida por parte da sociedade sobre o que leva os cães a possuírem maior qualidade olfativa do que os seres humanos, contudo já foi comprovado que existem várias similaridades a nível anatómico e a nível fisiológico entre o sistema olfativo dos cães e de nós seres humanos.

Apesar da grande similaridade entre os dois sistemas olfativos, existem algumas diferenças que fazem com que os cães possuam uma maior capacidade para identificar determinados odores que os seres humanos não conseguem. Essa diferença baseia-se no facto dos cães possuírem uma mucosa olfatória bem maior que os humanos. Por sua vez, essa mucosa de tamanho superior possuirá maior quantidade de recetores olfativos que serão projetados para o bulbo olfatório que proporcionalmente também será maior.

Nesse órgão, as informações direcionam-se para outras áreas do sistema nervoso central, sendo que todas as células responsáveis pelo processamento da informação são também maiores comparativamente às células humanas.

De forma completar, outra contribuição para a boa capacidade dos cães farejadores para a identificação de odores se deve ao facto da existência do dobramento interno da cavidade nasal, as suas narinas serem alongadas e o ato próprio ato de farejar em si.

Perante tais evidências podemos afirmar que o trabalho dos cães farejadores é crucial no auxílio das investigações criminais.

Deste modo, não podemos ignorar as provas que estes cães trouxeram à investigação do desaparecimento de Madeleine McCann, comprovando a existência de um cadáver, e se tratando o corpo da Maddie, este poderia ter estado no quarto onde as crianças dormiam e no carro alugado da família McCann.

Vários carros foram analisados pelo cão farejador que trabalha com a equipa forense, e somente no carro de Gerry e Kate McCann que o cão deu o alarme da existência de um odor a cadáver e sangue humano.

Após tal evidência, suspeitou-se que a família McCann poderia ter alugado o carro para transportar posteriormente o corpo da Madeleine.

Após o envio das provas forenses encontradas dentro do carro para um laboratório especializado em ciências forenses foi confirmada uma compatibilidade de no mínimo 80% do material genético e Madeleine e as provas encontradas dentro do carro alugado pela família McCann após 25 dias do seu desaparecimento.

ADMINISTRAÇÃO DE MEDICAMENTOS

Após o trabalho dos cães farejadores, e a comprovação da existência de odores de cadáver no carro dos pais de Madeleine, os McCann se tornaram suspeitos de um possível crime.

A primeira hipótese colocada pela polícia seria a administração de medicamentos como forma de sedar as crianças. Tal especulação foi posta em causa, uma vez que alguns jornais da época afirmaram que foram encontradas seringas no quarto do apartamento onde os McCann estavam hospedados. Essas seringas seriam então utilizadas para injetar drogas às crianças.

Foi perguntado aos pais de Madeleine se os mesmos utilizaram Calpol ou outro tipo de sedativo para adormecer as crianças, no entanto os mesmos não quiseram comentar tal pergunta feita pelos jornalistas.

No momento em que foi dada a notícia do desaparecimento de Maddie, diversas pessoas entraram no quarto dos McCann, revistando todos os cantos como forma de tentar encontrar onde poderia estar a Madeleine, no entanto, nesse mesmo quarto encontravam-se os irmãos de Madeleine a dormir, e os mesmos não acordaram mesmo com diversas pessoas nos seus quartos. Não será estranho pensar que duas crianças não iriam despertar com tanto barulho dentro de um

quarto? Tantos gritos, conversas, movimentos e nada das duas crianças acordarem? Efetivamente, tal facto é considerado muito suspeito.

O Calpol é um medicamento muito usado por pais de todo o mundo para ajudar a diminuir a febre ou dores das crianças, contudo também é utilizado para auxiliar o sono.

Gonçalo Amaral (2008) afirmou que “durante uma deslocação a Inglaterra do pai de Madeleine, em Julho de 2007, um colega da polícia inglesa visitou-o em casa. Colado no frigorífico viu um quadro onde eram assinalados os problemas de Madeleine. Constatou que a criança tinha dificuldades em dormir, levantando-se várias vezes durante a noite” (Maddie A Verdade Da Mentira, 2008).

Muitos especialistas afirmaram que aquele medicamento poderia funcionar como um sedativo, uma vez que há alguns anos atrás teria surgido uma polémica se tal medicamento possuía ou não um anti-histamínico cujo efeito seria sedativo.

Kate McCann afirmou que o Calpol que possuía se tratava apenas de um paracetamol, e que não teria administrado tal medicamento nos seus filhos enquanto estavam de férias na Praia da Luz.

O paracetamol pode possuir um efeito analgésico e antipirético. O medicamento atua inibindo a síntese de prostaglandinas (que são sinais químicos celulares), ao nível do Sistema Nervoso Central. Deste modo, bloqueia a geração de um impulso doloroso para o nível periférico. Do ponto de vista antipirético, o paracetamol atua no centro do hipotálamo, regulando assim a temperatura para produzir uma vasodilatação, levando assim a um aumento de fluxo de sangue pelo corpo, produzindo posteriormente a uma perda de calor.

Mesmo na possibilidade do medicamento que foi administrado à Maddie não possuir o efeito de sedativo e se tratar apenas de um paracetamol comum há um facto que poderá causar a morte acidental da criança.

Na época das investigações, médicos contactaram Gonçalo Amaral para comentar a famosa mancha que Madeleine possuía na sua íris. Os profissionais de saúde afirmaram que essa mancha poderia estar associada a um tipo de doença, nomeadamente a insuficiência cardíaca, contudo os mesmos não poderiam confirmar tal facto, uma vez que nunca a tinham analisado presencialmente, e uma simples foto não é suficiente para realizar um diagnóstico médico plausível.

Segundo o INFARMED (2008), “doentes com história de insuficiência cardíaca, respiratória, hepática, renal ou anemia, a administração deve fazer-se sob vigilância e apenas sob curtos períodos”.

Gonçalo Amaral desde o início que desconfiou do facto dos irmãos gémeos de Maddie não acordarem, no entanto, inicialmente, o mesmo considerou que poderiam estar sedados por um possível raptor.

Depois de se passarem vários meses do desaparecimento de Madeleine, após os pais da mesma se tornarem arguidos, e depois do avô materno de Madeleine confessar que Kate dava Calpol aos filhos, Gonçalo Amaral ponderou fazer uma análise aos irmãos Sean e Amelie. A própria Kate “chegou a sugerir a realização de tal exame. Como médica, certamente tinha conhecimento do tempo máximo para que a realização desse tipo de pesquisa permitisse a obtenção de resultados positivos, o qual já estava largamente ultrapassados” (Maddie A Verdade Da Mentira, 2008).

PRIMEIRA TESE DA POLÍCIA JUDICIÁRIA PORTUGUESA

A primeira tese criada pela Polícia Judiciária era a de que a morte da Madeleine teria sido acidentada, e que posteriormente os pais tinham ocultado o cadáver da criança.

Deste modo, segundo as provas da polícia portuguesa, o possível crime teria ocorrido do seguinte modo:

- (1) os McCann teriam matado a Maddie acidentalmente;
- (2) as supostas visitas durante o jantar de amigos aos quartos das crianças teriam sido inventadas;
- (3) os pais teriam escondido o corpo da filha provavelmente em um frigorífico;
- (4) mais tarde transportariam o corpo da Madeleine no carro que foi alugado semanas depois após o seu suposto desaparecimento.

Muitos investigadores que acreditavam na inocência dos McCann enfatizaram constantemente o facto de que o carro que os cães detetaram cheiro a cadáver ter sido alugado somente vinte e cinco dias após o desaparecimento da Maddie, no entanto Gonçalo Amaral acredita que o corpo foi preservado no frio ou enterrado durante esses dias, e que posteriormente os pais se livraram do mesmo transportando-o nessa viatura.

Muitos jornalistas e outros investigadores consideraram a tese de que os pais poderiam ter escondido o corpo de Maddie durante esse tempo um tanto estranha, uma vez que os McCann estavam constantemente sob o olhar de todos. Durante 24 horas havia sempre um jornalista a acompanhar todos os passos que os McCann tomavam.

AUSÊNCIA DE EMOÇÃO POR PARTE DOS PAIS

Desde dos primeiros depoimentos feitos ao público pelos pais da Madeleine McCann que os mesmos são vítimas de diversas desconfianças tanto por parte da polícia como por parte do público que os observava, uma vez que os pais da criança não demonstram qualquer tipo de emoção no seu relato. Muitas das pessoas que observavam o comportamento dos McCann chegavam a afirmar que os mesmos nem sequer realizaram o luto da própria filha.

Portugal já presenciou diversos relatos de mães e pais que perderam os seus filhos, e nenhum deles se assemelhou ao comportamento que Kate e Gerry McCann tiveram perante o desaparecimento da sua filha.

Quando existem suspeitas de um suposto rapto, muitas famílias tentam chegar da forma mais emotiva ao raptor, transmitindo-lhe mensagens apelativas e implorando para que este devolva o seu filho. Muitas famílias também tentam transmitir ao público a urgência da situação, e muitas das vezes oferecem recompensas em troca da divulgação de pistas do paradeiro das suas crianças.

A postura dos McCann em todas as entrevistas e aparecimentos públicos era sempre a mesma: sem mostrarem qualquer tipo de emoção, e sem deitarem lágrimas.

Essa ausência de emoção é um traço muito característicos de muitos psicopatas, que afirmam não sentir qualquer tipo de emoção ou afeto pelas suas vítimas.

Hernâni Carvalho, em seu livro “O Índice da Maldade” (2017) afirma que: “o conceito de psicopatia não tem consenso entre os cientistas, mas, apesar das inúmeras definições, acordam todos que a psicopatia é um transtorno de personalidade (e não uma doença mental)”.

Existem muitos indivíduos que não conseguem distinguir a diferença entre um psicopata e um sociopata, considerando muitas das vezes que ambos são sinónimos. Contudo, existe uma grande distinção básica: a psicopatia é inata, sendo que a sociopatia pode ser adquirida através de, por exemplo, uma lesão cerebral ou através de fatores sociais negativos, como é o caso de uma negligência familiar.

Os psicopatas possuem uma personalidade extremamente narcisista, dando uma elevada importância a eles próprios. Consideram-se o “centro do universo”, superiores aos outros, são extremamente seguros de si e consideram que todos os indivíduos devem seguir as suas próprias regras, adotando assim uma postura dominadora e autoritária.

A falta de remorso é uma característica muito visível nos psicopatas, e os mesmos demonstram uma enorme falta de preocupação com os efeitos devastadores das suas ações em outrem.

Quando são entrevistados, os psicopatas adotam uma postura sedutora e calculista, no entanto, quando são desvendados pela justiça os mesmos conseguem ser diretos e declaram com tranquilidade que não sentem culpa nenhuma dos seus atos, nem que sentem remorsos pelo dano que causaram aos outros indivíduos.

Ao analisarmos os discursos de Gerry, podemos verificar que a sua postura se mantém sempre calma e serena. É muito estranho pensarmos que um pai que perdeu a sua filha de forma misteriosa, cujo crime nunca foi desvendado, se apresentar em público de uma forma extremamente calma e calculista. A sociedade já presenciou diversos casos de pais e mães que perderam os seus filhos e apresentam uma postura totalmente contrária aos dos pais de Madeleine.

Um dos raptos mais famosos da história de Portugal é o caso de Rui Pedro, um menino de onze anos que desapareceu no dia quatro de março de 1998 em Lousada. O mistério do seu desaparecimento ainda persiste, uma vez que o menino até hoje nunca foi encontrado pela polícia.

Rui Pedro foi andar de bicicleta por volta das 14 horas do dia quatro de março de 1998. O menino mantinha contacto com um amigo de vinte e dois anos de idade cujo nome é Afonso Dias, contudo a mãe de Rui Pedro nunca aprovou o envolvimento do filho com essa amizade, não permitindo assim muitas vezes o encontro entre ambos.

Após a notícia do seu desaparecimento, uma prostituta local confessou ter estado em contacto com Rui Pedro, afirmando que um homem levou o menino ao encontro dela, obrigando-o a ter relações sexuais com a prostituta. A mesma fingiu aceitar, no entanto ao estar a sós com Rui Pedro observou que o mesmo estava a tremer e assutado, e o menino acabou por confessar que teria sido obrigado a vir ao encontro dela. Após observar tal situação, a prostituta Alcina Dias recusou qualquer envolvimento com o menor de idade.

A investigação de Rui Pedro não levou a nenhuma conclusão, o que fez com que diversos jornalistas se revoltassem com o trabalho do Estado e da polícia portuguesa. Hernâni Carvalho afirma que: “isto só tem o lado mal da justiça. Tem o lado mal da justiça que não quis saber disso para nada e tem o lado vergonhoso da justiça que treze anos depois vem tentar emendar a mão (...) O caso de Maddie teve governos, exércitos, bombeiros, toda a gente a procura da miúda [estrangeira]. Este era português e ninguém quis saber dele (...) Nós devíamos ter vergonha do que está a acontecer. (...) Quando o Rui Pedro desapareceu ninguém quis saber de nada e o Afonso Dias, quando o miúdo desapareceu disse na frente de várias pessoas (...) ‘se querem recuperar o menino fechem as fronteiras’. Não fizeram nada. E tudo o que fizeram foi mal feito”.

Quem observa o discurso de Filomena Teixeira, a mãe de Rui Pedro, repara que existem inúmeras diferenças entre ela e os pais de Madeleine McCann. O discurso da mesma é extremamente enfraquecido, triste, preocupada e nervosa, até aos dias de hoje, vinte e dois anos

após o desaparecimento do seu filho, comportamento esse que é o esperado após ter um filho desaparecido de maneira misteriosa, e cujo paradeiro não se reconhece até à atualidade.

O discurso dos pais de Maddie, tal como foi dito anteriormente, é extremamente diferente do da mãe de Rui Pedro. Os McCann adotam assim uma postura arrogante, séria e calculista, indícios que se assemelham em muito à psicopatia, uma vez que estes por vezes aparentam ser frios e sem emoções.

A falta de remorso e de culpa existente nos psicopatas se deve principalmente a uma incrível habilidade de racionalizar o próprio comportamento.

Em geral, os psicopatas têm desculpas prontas para o próprio comportamento e, às vezes, até neguem completamente que o facto tenha ocorrido (Sem Consciência, 2013).

Outra característica muito marcante nos psicopatas é o facto de não apresentarem qualquer tipo de empatia, sendo que esta está relacionada com a ausência de remorso, o egocentrismo exagerado e as emoções falsas.

Quando os psicopatas são desmascarados pela justiça, raramente ficam perplexos ou constrangidos, mudam drasticamente a sua história e tentam forjar outra mentira, e deste modo demonstram ficar orgulhosos da sua capacidade de mentir, enganar e manipular.

Muitos observadores têm a impressão de que os psicopatas às vezes não possuem consciência de que estão mentindo, como se as palavras tivessem vontade própria, sem nenhuma relação consciente do falante de que o observador sabe dos factos (Sem Consciência, 2013).

Existem diversas pesquisas à volta da psicopatia, e muitas delas apontam que este transtorno se correlaciona entre o sistema límbico (fisiológico) e fatores sociais, como por exemplo o caso de um indivíduo ser negligenciado pela sua família.

“O processamento empático interrompido é uma característica central da psicopatia. Nas imagens de neuroimagem (Ana Seara-Cardoso, Essi Viding, Rachael A. Lickley, Catherine L. Sebastian) observam-se que os indivíduos com altos níveis de traços psicopáticos apresentam respostas atípicas à dor dos outros na rede de regiões cerebrais normalmente recrutadas durante o processamento empático (placa anterior, giro frontal inferior e intermediária e anterior do córtex cingulado)” (*cit. in O Índice da Maldade, 2017*).

É precisamente pelo facto destes indivíduos não possuírem qualquer tipo de empatia ou inibição emocional, que estão mais propensos para cometer crimes cruéis e não se arrependem dos seus atos e comportamentos.

Quando chega o momento de tomarmos uma decisão, seja ela decidir o que vestir ou como agir perante determinada situação, diversas regiões do nosso cérebro estão envolvidas para colocar

em ação a análise da situação. A região que é fundamental para este processo é o córtex orbitofrontal.

O córtex orbitofrontal é uma grande estrutura emocional que estabelece conexões com algumas regiões, tais como o hipotálamo e as amígdalas cerebrais, e este está relacionado com as nossas emoções, comportamentos sociais e a nossa tomada de decisão.

O córtex orbitofrontal faz parte do córtex pré-frontal, juntamente com o córtex dorsolateral e o córtex ventromedial.

O neurocientista Adrian Raine, professor da universidade da Pensilvânia, EUA, trabalhou ao longo de quatro anos em prisões de segurança máxima. Aí avaliou quarenta e um homicidas e assassinos em séries, através de exames diversos de imagens ao cérebro. E aí os entrevistou. Cruzadas todas as variantes da informação recolhida, o cientista (re)confirmou que as alterações e lesões em estruturas cerebrais, como o lobo frontal, o córtex pré-frontal e a amígdala, afetam as emoções e mudam o comportamento (*cit. in O Índice da Maldade, 2017*).

O córtex pré-frontal é a região onde medimos as consequências das nossas ações, e onde tomamos as decisões do que é considerado “certo” e “errado”. É esta região cerebral que está relacionada ao planeamento de comportamentos e pensamentos de maior complexidade, tomadas de decisão, modulação do comportamento social e onde se encontra a expressão da personalidade. É também nesta região que planejamos o tipo de comportamento que vamos adotar e quais as decisões que devemos tomar.

Em suma, o córtex pré-frontal adota a função executiva, função que se relaciona com questões como o planeamento de consequências futuras, previsão, controle inibitório, tomada de decisão, atenção, memória de trabalho e controle social.

Alguns défices no córtex pré-frontal podem conduzir a uma elevada agressividade, impulsividade e até à adoção de comportamentos de inadequação social.

É na interação correta, ou não, entre a amígdala e o córtex pré-frontal que medimos as consequências dos nossos atos. Quando esta relação não funciona corretamente, ficamos indiferentes às consequências dos nossos atos (*O Índice da Maldade, 2017*).

Deste modo, um indivíduo que comete um crime fica indiferente ao sofrimento que causou na vítima e na família da vítima, e conseqüentemente também não demonstrará qualquer preocupação com a pena de prisão a que poderá ser sentenciado.

O córtex pré-frontal está dividido em três áreas. A primeira área é denominada de dorsolateral, e está relacionada com o raciocínio. A segunda, a área orbitofrontal se responsabiliza pela tomada de decisões sociais e pessoais juntamente com a gestão da emocional. Por fim, a

terceira área é a cingulada anterior que funciona mantendo o papel da motivação no comportamento.

É comum se dizer que os psicopatas são extremamente encantadores e manipuladores, sendo essas características muito desejáveis pelos indivíduos. Estas características podem ser explicadas pela dissociação entre cognição empática e emoção empática.

A empatia cognitiva corresponde ao facto de o indivíduo compreender como que uma outra pessoa vê o mundo ao seu redor.

Por sua vez, a empatia emocional está relacionada com a capacidade do indivíduo conseguir sentir da mesma forma que outra pessoa se sente (no senso comum costuma utilizar-se a expressão “tentar se colocar no lugar do outro”).

A empatia emocional é processada nas regiões anteriores do lobo frontal (mais especificamente, pelas áreas 10 e 11 de Brodmann). Deste modo, esta seria responsável por integrar um sistema amplo de cognição social, que permite os indivíduos se conectarem emocionalmente com outros sujeitos.

Vamos considerar o exemplo de uma criança de tenra idade, que ainda não possui a capacidade de executar autoavaliação dos atos que realiza. Esta irá usufruir do feedback recebido do seu criador para tentar perceber se a ação que acabou de executar é ou não permitida por este. Este tipo de aprendizado inclui a expressão emocional, e assim a criança aprende a repetir os comportamentos que são aprovados pelo seu criador e a evitar comportamentos que são considerados desadequados pelo mesmo.

A expressão emocional do cuidador gera através dos sistemas de neurónios-espelho, estados emocionais na criança que estão ligados ao comportamento exibido, modelando-o de acordo com essas interações (Bertone, Domínguez, Vallejos, Moauro & Román, 2015).

Os neurónios-espelho são células situadas no córtex pré-motor, que são ativadas quando vemos um indivíduo executar uma determinada ação.

Esta questão dos neurónios-espelho está muito relacionada com a empatia, uma vez que possuímos a capacidade de imaginar aquilo que poderá estar a passar-se com outro. Deste modo, um indivíduo considerado “normal” não causará dor no outro, uma vez que este consegue ter empatia e imaginar o sofrimento pelo qual o outro indivíduo passará.

Estes tipos de mecanismo de aprendizagem que ocorrem precocemente geram no cérebro normas sociais e valores, algo que não ocorre nos indivíduos com psicopatia.

Ao avaliar experimentalmente sujeitos que viviam em situações de rejeição social, Eisenberger y Lieberman (2004) identificaram que áreas vinculadas à percepção da dor física são

ativadas. Deste modo, é válido sustentar que a dor emocional é processada da mesma maneira que a dor física (Bertone et al., 2015).

Outra evidencia desse facto em outras investigações semelhantes, os sujeitos são expostos a estímulos físicos dolorosos antes e depois de viverem uma experiência de rejeição social. O limiar de percepção da dor física aumenta após a experiência de rejeição, parecendo assim que os sujeitos estão “anestesiados” e se extrapolarmos essa situação experimental para a vida de um sujeito, podemos gerar várias hipóteses explicativas sobre a origem das disfunções neurocognitivas nos psicopatas (Krossa, Bermana, Mischelb, Smithb, Aposta, 2011; *cit. in* Bertone et al., 2015).

Existe uma relação importante entre o stress precoce e o desenvolvimento do cérebro social.

As situações de negligencia, desprezo e agressividade modificam a maneira como os sujeitos percebem tanto a dor física como a emocional, sendo processado pela ínsula direita e córtex cingulado. A ínsula possui as funções de fazer parte do sistema límbico e coordenar emoções.

Assim, é fácil concluir que um cérebro psicopático poderá se desenvolver em um ambiente considerado hostil.

Experiências traumáticas (tais como abandono, violência, abuso, negligência, etc.) causam nas crianças um aumento na liberação de cortisol, “a hormona do stress”. O cortisol liberado pelo córtex da glândula adrenal é estimulado pela ACHT da hipófise, que por sua vez é liberada pela IRC pelo hipotálamo. Esse eixo hipotálamo-hipófise-adrenal também é chamado de eixo do stress (Heim e Nemeroff, 2011; *cit in* Bertone et al., 2015).

SIMILARIDADE DO CASO DE MADDIE COM O CASO DE JOANA

É quase impossível relatar o caso do desaparecimento de Madeleine McCann sem relacionar com outro desaparecimento polémico que ocorreu em Portugal, o caso de Joana Cipriano.

As similaridades começam no facto de uma menina portuguesa de oito anos ter desaparecido na localidade de Figueira, no Algarve, a doze de setembro de 2004.

Joana Cipriano desapareceu por volta das 21 horas quando saiu para ir ao café comprar leite, acreditando-se ser, assim, a vendedora do estabelecimento a última testemunha a estar em contacto com a menina e que confirmou a veracidade do facto contado pela família da vítima.

A mãe de Joana, Leonor Cipriano, deu diversas entrevistas para a televisão portuguesa alegando não saber do paradeiro da sua filha e demonstrando preocupação.

Após algumas investigações a Polícia Judiciária decide encerrar o caso, condenando o tio da menina, João Cipriano, por homicídio com a participação e ajuda da mãe de Joana.

O cadáver de Joana nunca foi encontrado, no entanto João Cipriano confessou ter esquartejado o corpo da menina, colocando os pedaços numa arca congeladora e posteriormente ter alimentado os porcos de uma pocilga com o mesmo. João Cipriano relatou de forma pormenorizada todo o procedimento que teve, corte por corte.

De facto, a Polícia Judiciária encontrou vestígios de sangue humano nos sacos onde o tio da menina alegou ter colocado o corpo esquartejado, no entanto não foi possível determinar se esses vestígios eram ou não do sangue de Joana.

A justificação do homicídio dada por João Cipriano às autoridades foi pelo facto de Joana ter chegado a casa e se deparado com a mãe e o irmão tendo relações sexuais incestuosas.

A confissão do crime foi bastante polémica, uma vez que a mãe de Joana Cipriano retornou ao Estabelecimento Prisional de Odemira (onde estava em prisão preventiva) após o interrogatório da Polícia Judiciária com ferimentos gravíssimos na face e no corpo, e acusou assim a Polícia Judiciária de agressão e espancamento para que o crime fosse confessado. Os inspetores da Polícia Judiciária que estavam envolvidos alegaram que Leonor Cipriano teria caído das escadas.

Após o julgamento, foi reparado que as provas que existiam contra a mãe e o tio de Joana não eram conclusivas. Uma delas diz respeito à forma como o tio descreveu que teria guardado o corpo esquartejado de Joana numa arca congeladora. Após algumas investigações foi comprovado que a criança não cabia naquelas gavetas.

Na pocilga onde supostamente partes do cadáver de Joana tinham sido depositadas foram encontrados vestígios humanos, no entanto os exames mais uma vez foram inconclusivos.

Em suma, podemos identificar alguma ligação entre o caso de Joana e o desaparecimento de Madeleine McCann, principalmente no facto de o crime ter ocorrido numa aldeia que ficava a cerca de 20 km da Praia da Luz (local do desaparecimento de Maddie) e o facto da polícia ter negligenciado as provas, não havendo um desfecho conclusivo. Fora esses dois factos, não podemos ignorar a questão de em ambas as situações os pais terem sido considerados arguidos, contudo tal situação é normativa, uma vez que as primeiras suspeitas tendem a apontar para quem possui a guarda da criança.

POSSÍVEL RAPTOR ESTARIA A PROCURAR UMA VÍTIMA?

Gail Cooper, uma turista inglesa de cinquenta anos estava hospedada poucas centenas de metros do apartamento da família McCann. Mal soube do desaparecimento de Madeleine, Cooper confessou às autoridades ter estado em contacto com um homem que na altura em que foi abordada pelo mesmo o considerou um tanto suspeito. Segundo essa testemunha, recebeu uma visita em sua casa de um homem que se dirigiu a ela alegando que estava a procurar doações para uma instituição. A mesma afirma que se sentiu vulnerável e desconfiada com tal indivíduo.

A turista afirma ter avistado três vezes o homem suspeito a vaguear perto do Resort onde os McCann estavam hospedados, outras vezes perto da praia e até mesmo à porta da sua casa.

Cooper foi chamada a colaborar com Melissa Little, uma artista forense especialista em elaborar retratos robot de possíveis suspeitos. A mesma realizou um retrato altamente pormenorizado do homem que Cooper afirma ter visto.

O desenho foi mostrado a Janne Tanner, a amiga dos McCann que afirma ter visto um homem na noite do desaparecimento de Madeleine McCann carregar uma criança aos braços, e esta afirma que o retrato robot elaborado teria cerca de 80% de pareências com o indivíduo que ela viu na noite do desaparecimento de Maddie.

"Acreditamos que este homem pode ser um elo de ligação na descoberta de Maddie", afirmou Clarence Mitchell, o assessor dos pais da menina, hoje em conferência de imprensa emitida em direto pela estação televisiva 'Sky News'. "Queremos saber quem é ele e onde está. Queremos saber isso o mais depressa possível. Hoje estamos a pedir a ajuda das pessoas", salientou o porta-voz defendendo que a menina "foi obviamente raptada" (Expresso, 2008).

Outro relato similar ao de Gail Cooper foi feito por uma família que esteve semanas antes no mesmo apartamento que os McCann, no Ocean Club.

O pai da família afirma que esteve igualmente com um indivíduo que pedia dinheiro para um orfanato, contudo não possuía uma aparência "suspeita" tal como Cooper relatou. O que levou o pai da família a não confiar em tal indivíduo foi o facto do mesmo não saber nada sobre o orfanato que alegava existir, nem onde estava localizado.

Outra testemunha afirma que também recebeu em sua casa uma visita de um homem que alegava estar pedindo doações para um orfanato, no entanto a senhora afirma ter ficado extremamente preocupada pois esse indivíduo estava constantemente a olhar em direção à sua filha que se encontrava no interior da casa.

No dia do desaparecimento da Madeleine McCann houve mais quatro incidentes com pedintes, o que claramente aponta que estes indivíduos estavam a cometer algum tipo de crime como uma fraude, contudo não podemos ignorar o facto de que tais comportamentos poderem indicar algo mais do que um simples esquema para ganhar dinheiro.

Perante tais relatos podemos estar perante a uma organização criminosa, que planeou o rapto de Madeleine McCann de forma pormenorizada.

Na noite do seu desaparecimento é evidente que o intervalo de tempo é demasiado curto para só uma única pessoa raptar uma criança sem deixar qualquer tipo de rasto. Um grupo de raptadores seria uma hipótese plausível, e deste modo todos já tinham anteriormente analisado onde os pais de Maddie iriam estar, quando é que os mesmos saíam e regressavam dos quartos onde as crianças dormiam, e deste modo agiriam no momento ideal para invadir o apartamento onde estavam as crianças.

Gonçalo Amaral desconfiou de tal teoria, uma vez que não seria inteligente por parte de um raptor “profissional” sair com uma criança ao colo pela janela, ao invés de sair pela porta principal. Além disso, qual o raptor que decide andar na rua com uma criança raptada nos braços numa zona aberta da Praia da Luz, se cruzando assim com a suposta testemunha Janne Tanner, amiga do casal McCann que poderia perfeitamente identificar a Madeleine e automaticamente impedir que o rapto se realize?

Gonçalo Amaral em seu livro comenta: “Um rapto planeado teria de levar em linha de conta todos estes itens. O raptor teria que ter estudado a zona, para além dos hábitos da família e dos amigos. Seria normal que, caso não fosse dali, tivesse uma viatura parada na zona com menos luminosidade, que se situa do lado contrário ao sentido em que, segundo a testemunha Jane Tanner, se encaminhava o raptor com a criança ao colo (...) Por outro lado, se o raptor se dirigisse para uma viatura, esta teria que circular para o centro da Vila da Luz, passando junto do acesso do restaurante onde jantavam os pais de Madeleine, ou para a estrada principal acesso à EN125, onde chegaria próximo do local com melhores condições para se ocultar na escuridão da noite” (Maddie A Verdade da Mentira, 2008).

Perante tais factos é evidente pensar que um raptor juntamente com um grupo de crime organizado não iria cometer tais lapsos.

Muitos agressores, antes de cometerem os seus crimes, dedicam grande parte dos seus dias a estudar os comportamentos das suas possíveis vítimas. Estudam assim os seus horários, as suas rotinas, as histórias das suas vidas, as suas características familiares e sociais, de forma a elaborar o melhor plano de ataque para cometerem os seus crimes.

A teoria da atividade rotineira de Cohen e Felson (1979) argumenta que a vítima e o seu agressor coincidem temporalmente e espacialmente durante o desenrolar das suas atividades quotidianas, como ir trabalhar, se deslocar até casa, ir às compras e interações sociais (Profiling Vitmologia & Ciências Forenses, 2013).

Deste modo existem três tipos de vítimas: as de baixo, médio e alto risco. As primeiras são aquelas que não mantêm uma vida rotineira constante, alterando constantemente as suas atividades quotidianas. As vítimas consideradas de médio risco são aquelas que costumam manter alguma rotina, no entanto alteram-nas em algumas circunstâncias. Por fim, as vítimas consideradas de alto risco são aquelas que deixam diariamente o rasto das suas atividades, sendo estas muito fáceis e vulneráveis de serem controladas.

Podemos observar através dos relatos feitos pela Polícia Judiciária que os pais da Madeleine costumavam manter a sua rotina constante durante o seu período de férias antes do desaparecimento da sua filha: “Mas a rotina mantém-se, pelas 9h Madeleine e os irmãos são entregues aos cuidados das creches, enquanto os pais jogam ténis ou fazem corrida na praia” (Maddie A Verdade Da Mentira, 2008).

Neste caso, como se trata de uma criança o raptor poderá ter dado mais ênfase em observar os horários em que Maddie estaria na creche do Ocean Club, os comportamentos dos pais, as negligências dos mesmos e qual o horário que as crianças costumavam estar sozinhas em seus quartos.

Outro indício que aponta para um possível raptor ter “estudado” e analisado qual seria o melhor momento para cometer o crime é o facto das reservas da mesa do restaurante do Ocean Club estarem marcadas sempre para a mesma hora, e o livro das reservas estar bem visível para quem entra no restaurante. Deste modo, um possível raptor poderia perfeitamente ter acesso à hora que os McCann iriam jantar, e conseqüentemente saber a que horas os pais iriam deixar os filhos sozinhos em seus respetivos quartos.

Dentro do grupo dos indivíduos que cometem algum tipo de crime (seja de natureza sexual, homicídio, rapto, etc.) existem algumas diferenças na forma como cometem tais delitos. Estes podem ser realizados de forma impulsiva ou de forma planificada.

Podemos considerar que no rapto de Madeleine McCann estamos perante a um raptor que age de forma planificada, uma vez que encontramos alguns indícios de tal situação, e uma vez que a Polícia nunca conseguiu encontrar o rasto desse possível raptor.

Deste modo, do ponto de vista neuropsicológico, o cérebro dos sujeitos que cometem crimes de forma planificada possui um melhor funcionamento do córtex pré-frontal do que os indivíduos que cometem os seus atos criminais de forma mais impulsiva. Como dito anteriormente, esta área

do cérebro é responsável pela função executiva, ou seja, se assegura de planejar comportamentos e pensamentos mais complexos, tomadas de decisões e da existência de comportamentos sociais. Tal descoberta científica possui algum sentido, uma vez que temos conhecimento da importância dos circuitos neurais frontais em tarefas de organização e planificação da conduta. A área pré-frontal também se relaciona com o comportamento emocional, uma vez que esta mantém conexões diretas com o hipotálamo através do núcleo dorso medial do tálamo.

Existem diversos motivos que levam a que um indivíduo cometa o crime de rapto de uma criança, como por exemplo: por encomenda de outrem que deseja ter uma criança ou até mesmo para práticas de crimes sexuais, sendo que neste caso estaríamos perante a um pedófilo.

Alguns estudos neurológicos constataram que no cérebro dos indivíduos que cometeram crimes de pedofilia há uma dilatação dos ventrículos laterais, anormalidades no cerebelo e no lobo temporal direito, tamanho da área pré-frontal e temporal esquerda reduzida, e lesões no lobo temporal anterior inferior. No lobo temporal anterior dos pedófilos foi constatada uma disfunção dessa área, que provoca assim um comportamento hipersexual e de conduta desadaptada.

Com o uso de imagens de ressonância magnética Schiffer y colaboradores (2007) estudaram o cérebro de pedófilos demonstrando uma redução do volume da substância cinzenta no estriado ventral (extensível no núcleo accumbens), do córtex orbito frontal e do cerebelo. Estas alterações do circuito fronto-estriado, segundo os autores, são semelhantes a patologia dentro do espectro de transtornos obsessivos compulsivos. (*cit. in Bertone, Domínguez, Vallejos, Moauro & Román, 2015*).

Deste modo, podemos considerar que existem algumas semelhanças entre a pedofilia e os transtornos obsessivos compulsivos:

- Os abusadores presenciam uma tensão psíquica antes de iniciarem o ataque sexual das suas vítimas;
- Muitos pedófilos guardam pertences das suas vítimas como forma de recordação e “troféu”;
- O “*modus operandi*” adota uma rotina;
- Poderá ocorrer a existência de algum ritual na forma como o predador sexual aborda a vítima.

As disfunções do sistema fronto-estriado explicam o comportamento compulsivo e repetitivo dos abusadores sexuais, que é entendido pela falta de inibição dos gânglios basais, encarregados pela produção de comportamentos repetitivos e automatizados (Bertone et al., 2015).

SUPOSTO RAPTOR TERIA SEDADO MADDIE E OS IRMÃOS?

Mal a hipótese de Maddie e os seus irmãos gémeos estarem sedados ter sido posta em causa pelos investigadores automaticamente os pais das crianças afirmaram que o suposto raptor poderia, efetivamente, ter sedado os três antes de cometer o seu crime.

A forma mais comum de um predador sexual intoxicar uma criança é através de: fármacos sedativos-hipnóticos (como por exemplo o caso das benzodiazepinas), álcool, opióides, anfetaminas, derivados de cocaína ou canabinóides.

Grande parte dessas substâncias utilizadas para a sedação das vítimas são depressoras do Sistema Nervoso Central, e causam assim amnésia anterógrada. Este tipo de amnésia causa nas vítimas o esquecimento de tudo aquilo que ocorreu após serem sedadas, levando assim a que muitas destas nem sequer se recordem do momento em que ocorreu o abuso.

Para ilustrar o exemplo anterior vamos considerar a seguinte situação: que foi administrada tanto em Maddie como nos irmãos benzodiazepinas. Colocámos esta hipótese uma vez que a administração dessa substância raramente causa mortes, somente se for ultrapassada a sua dose letal e/ou forem administradas juntamente com outro tipo de substâncias. Numa situação de sequestro como o da Maddie o raptor provavelmente não teria o desejo de matar a Madeleine no local, muito menos os irmãos, sendo assim administração de benzodiazepinas utilizada somente para que estes não se apercebam do ocorrido.

Este tipo de substância pode ser administrado por via oral, intravenosa, transmucosa e intramuscular.

Como foi dito anteriormente, as benzodiazepinas são muito utilizadas como ansiolíticos, antiepiléticos, relaxantes musculares e como sedativo. Este tipo de substância exerce o efeito de ansiolítico no Sistema Nervoso Central, uma vez que inibe as sinapses no Sistema Límbico, que é responsável pelo controlo do comportamento emocional, e que se caracteriza por uma elevada consistência de recetores GABA_A.

Os benzodiazepínicos são fármacos de alta afinidade e altamente seletivos, que se ligam a um único sítio dos recetores GABA_A contendo as subunidades $\alpha 1$ $\alpha 2$ $\alpha 3$ ou $\alpha 5$ e uma subunidade de γ . Os benzodiazepínicos atuam como moduladores alostéricos positivos, potencializando a regulação de canais na presença de GABA. Os benzodiazepínicos não ativam diretamente os recetores GABA_A nativos na ausência de GABA, porém ativam efetivamente certos recetores

mutantes, indicando que atuam como agonistas alostéricos fracos (Princípios de Farmacologia, 2009).

Esta substância facilita tanto o início como também a duração do sono, aumentando também a duração do sono não-REM, e a diminuição da duração do sono REM.

Existem alguns tipos de benzodiazepinas sedativas, sendo que todos diferem na sua velocidade de atuação e na duração dos efeitos. No caso de um rapto, a opção mais adequada seria a submissão de um sedativo que possui uma rápida atuação, como por exemplo o caso do triazolam. Este tipo de medicamento possui uma resposta rápida, uma vez que este alcança o pico de concentração plasmática duas horas após a sua ingestão oral.

Dados de várias fontes sugerem que a amnésia (perturbações da memória) pode ocorrer com maior frequência com fármacos, aqui apontados meramente como exemplo o triazolam, do que com doses terapêuticas de outros hipnóticos benzodiazepínicos (INFARMED, 2005).

O GABA é o principal neurotransmissor inibitório do Sistema Nervoso Central, e o triazolam impulsiona o efeito inibitório desse neurotransmissor.

O ácido gama-amino-butírico (GABA) é o principal aminoácido inibitório do SNC. O triazolam potencializa o efeito inibitório desse neurotransmissor, modulando a atividade dos recetores GABA_A por meio da sua ligação com o seu sítio específico (recetores benzodiazepínicos). Essa ligação altera a conformação desses recetores, aumentando a afinidade do GABA com seus próprios recetores e a frequência de abertura dos canais de cloro, cuja entrada no neurónio é regulada por esse neurotransmissor, provocando hiperpolarização da célula. O resultado dessa hiperpolarização é um aumento da ação gabaérgica inibitória do SNC (Psicofármacos Consulta Rápida, 2011).

Outra forma bastante frequente de induzir o sono em vítimas seria com a administração de anti-histamínicos.

Os anti-histamínicos são antagonistas da histamina, e são uma droga farmacêutica que inibe a ação da histamina, substância que provoca dilatação dos vasos sanguíneos da pele, bloqueando os seus recetores.

Deste modo, os anti-histamínicos clássicos podem ser considerados sedativos uma vez que podem provocar sonolência nos indivíduos.

CONCLUSÃO

Infelizmente, este trabalho não possui uma conclusão concreta, uma vez que existem diversas teorias para explicar o mesmo acontecimento, que neste caso é o desaparecimento da Madeleine McCann.

Contudo, pensamos que a Neuropsicologia poderá contribuir para uma análise mais detalhada dos factos.

Na nossa opinião, a Neuropsicologia Forense poderá ser uma grande aliada na investigação criminal uma vez que, segundo Maia (2013) mais do que defender (ou não!) se a neuropsicologia forense providencia maior esclarecimento acerca dos fatos e determinantes por detrás dos fatos, numa determinada litigância, dever-se-ia, sim, defender que a formação específica detém os técnicos que se apresentam como peritos neuropsicólogos em tribunal (*cit. in Profiling, Vitmologia e Ciências Forenses, 2013*).

Em relação ao caso do desaparecimento só possuímos uma certeza: alguém neste mundo saberá a verdade, no entanto até aos dias de hoje não descobrimos quem é esse “alguém”. Quem sabe, um dia saberemos.

Por exemplo, na semana de submissão deste artigo os media e representantes da Alemanha e Inglaterra garantiram que Maddie estava morta, mais ainda, apresentaram ao mundo inteiro o mais que certo suspeito pela morte de não só de Maddie, mas como outras vítimas, responsável e suspeito de outros crimes, com largo registo prisional.

Hoje, responsáveis britânicos referem que Maddie está viva.

Comprometemo-nos, na segunda parte deste artigo, a apresentar uma análise neuropsicológica, jurídica e penal dos dados a que conseguirmos aceder, não pelos media, mas sim por aquilo que caracteriza neuropsicologicamente quem fez o “quê” a Maddie (raptou-a, criou-a como seu elemento de família ou matou-a). Isto fica para a segunda parte deste artigo.

E que a paz esteja com Maddie.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaral, G. (2008). *A Verdade da Mentira*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Patrick, J. C. (2018). *Handbook of Psychopathy*. New York: The Guilford Press.
- Bartol, R. C. & Bartol, M. A. (2014). *Criminal Behavior*. USA: Pearson.
- Hare, D. R. (2013). *Sem Consciência*. São Paulo: Artmed.
- Roland, P. (2008). *Cenas de Crime*. Lisboa: Livros d' Hoje.
- Carvalho, H. (2017). *O Índice da Maldade*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Carvalho, H. (2019). *Matadores*. Lisboa: Contraponto.
- Maia, L. (2013). Almeida, F., & Paulino, M. (Eds). *Profiling, Vitmologia e Ciências Forenses*. Lisboa: Pactor.
- Magalhães, T. (2010). *Abuso de Crianças e Jovens*. Lisboa: Lidel.
- García, G. E. (2018). *Somos a Nossa Memória*. Portugal: Atlântico Press.
- Cordioli, V. A. (2011). *Psicofármacos*. São Paulo: Artmed.
- Golan, E. D., Jr, T. H. A., Armstrong, J. E., & Armstrong, W. A. (2014). *Princípios de Farmacologia*. Brasil: Nova Guanabara.
- Machado, A. (2000). *Neuroanatomia Funcional*. Brasil: Atheneu Editora.
- Luria, R. A. (1981). *Fundamentos de Neuropsicologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Romero, E. (2002). *Actualización en Neuropsicología Clínica*. Buenos Aires: Ediciones GeKa.

Bertone, S. M., Domínguez, S. M., Vallejos, M., Moauro, H., & Román, F. (2015). Neurobiología de la psicopatía. *Revista Psiquiatria*, 19(12). 1137-3148.

Pinto, C. A. (1998). O impacto das emoções na memória: Alguns temas em análise. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2(2). 215-240.

Micheletti, H. A., Paula, C. A., Sá, P. E. M., & Melo, B.C. (2016). Cães de detenção: uma breve revisão sobre o uso do nariz canino. *Revista Brasileira de Medicina Veterinária*, 38(4). 387-392.

Saraiva, B. R., Iglesias, F., Micas, F. G., Araújo, N. P. C., Lima, C. C., & Costa, V. M. (2015). Conformidade entre testemunhas oculares: efeitos de falsas informações nos relatos criminais. *Psico-USF*, 20(1). 87-96.

Emygdio, B. N., Mozzambani, F. C. A., Rodrigues, C. C., Fuso, F. S., Acedo, A. N., & Mello, F. M. (2019). Effects os Post Traumatic Stress Disorder in Memory. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(174817). 1-13.

Kristensen, H. C., Parente, P. M. A. M., & Kaszniak, W. A. (2006). Transtorno de Estresse Pós-Traumático e funções cognitivas. *Psico-USF*, 11(1). 17-23.

Sousa, A. F. (2008, Junho, 13). Odor a cadáver no carro e em roupas dos McCann. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/dossiers/sociedade/caso-maddie/noticias/odor-a-cadaver-no-carro-e-em-roupas-dos-mccann-981312.html>.

Laranjo, T., & Machado, H. (2017, Maio, 3). Cães cheiraram morte de Maddie. *Correio da Manhã*. <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/caes-cheiraram-morte-de-maddie>.

Pinto, R. (2008, Janeiro, 20). Novo retrato-robô de suposto raptor de Maddie. *Expresso*. <https://expresso.pt/dossies/dossiest actualidade/dos madeleine mccan/novo-retrato-robo-de-suposto-raptor-de-maddie=f221267>.

Figueiredo, C. (2018, Maio, 7). Polícia seguiu pista falsa durante quatro anos no “caso Maddie”. *Correio da Manhã*. https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/policia-seguiu-pista-falsa-durante-quatro-anos-no-caso-maddie?ref=Mais%20Sobre_BlocoMaisSobre.